

# RiMe

Rivista dell'Istituto  
di Storia dell'Europa Mediterranea

ISBN 9788897317869

ISSN 2035-794X

numero 14/II n.s., giugno 2024

**Um diálogo de fontes sobre a viagem de Fernão de  
Magalhães: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta**

**A dialogue of sources about Ferdinand Magellan's  
journey: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta**

José Manuel Garcia

DOI: <https://doi.org/10.7410/1694>

Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea  
Consiglio Nazionale delle Ricerche  
<http://rime.cnr.it>





**Direttore responsabile | Editor-in-Chief**

Luciano GALLINARI

**Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary**

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

**Comitato scientifico | Editorial Advisory Board**

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANCESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

**Comitato di redazione | Editorial Board**

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Francesco D'ANGELO, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giampaolo SALICE, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

**Responsabile del sito | Website Manager**

Claudia FIRINO

© **Copyright: Author(s).**

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

**“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0  
International License”**



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2024 in:

This volume has been published online on 30 June 2024 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea  
Via Giovanni Battista Tuveri, 130-132 — 09129 Cagliari (Italy).  
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.  
Sito web | Website: [www.isem.cnr.it](http://www.isem.cnr.it)



## Special Issue

**“mar imenso solitário e antigo”:  
os italianos nas rotas marítimas portuguesas**

**“mare immenso solitario e antico”:  
gli italiani lungo le rotte marittime portoghesi**

**“mar imenso solitário e antigo”: the Italians in the Portuguese  
maritime routes**

A cura di / Edited by  
Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar -  
Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini





RiMe 14/II n.s. (June 2024)

Special Issue

“mar imenso solitário e antigo”:  
os italianos nas rotas marítimas portuguesas

“mare immenso solitario e antico”:  
gli italiani lungo le rotte marittime portoghesi

“mar imenso solitário e antigo”: the Italians in the Portuguese  
maritime routes

A cura di / Edited by  
Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar -  
Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini Introduzione / <i>Introduction</i>	7-12
Nunziatella Alessandrini - Gaetano Sabatini Leone Pancaldo, um italiano na expedição de Fernão de Magalhães / <i>Leone Pancaldo, an Italian on Ferdinand Magellan's expedition</i>	13-36
Ana Paula Avelar A imagem de Fernão de Magalhães pelas vozes de Antonio Pigafetta e Giovan Battista Ramusio / <i>The image of Ferdinand Magellan through the voices of Antonio Pigafetta and Giovan Battista Ramusio</i>	37-50
Teresa Nobre de Carvalho O mundo natural americano descrito por Michele da Cuneo (1495): um dos mais precoces registos da flora caribenha / <i>The American natural world described by Michele de Cuneo: One of the earliest records of Caribbean flora</i>	51-80
Elisabetta Colla Un panorama etnografico del "mondo" e della sua rappresentazione nei "Ragionamenti" di Francesco Carletti / <i>An ethnographic overview of the "world" and its representation in Francesco Carletti's "Ragionamenti"</i>	81-100
José Manuel Garcia Um diálogo de fontes sobre a viagem de Fernão de Magalhães: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta / <i>A dialogue of sources about Ferdinand Magellan's journey: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta</i>	101-119
Rui Loureiro Giovanni Battista Ramusio e a primeira circum-navegação: Novidades geográficas, circulação de informações e intertextualidade / <i>Giovanni Battista Ramusio and the first circumnavigation: Geographical news, circulation of information and</i>	121-139

*intertextuality*

- Hilarino da Luz Rodrigues 141-159  
*A presença de Antonio da Noli em Cabo Verde / The presence of Antonio da Noli in Cape Verde*
- Alessandro Ricci 161-186  
*Dal Mundus al Globus. L'impresa globale di Magellano nella visione imperiale di Carlo V / From Mundus to Globus. Magellan's global feat in the imperial vision of Charles V*
- Mariagrazia Russo 187-201  
*A visão disfórica das viagens portuguesas em Giovanni Battista Ramusio / The dysphoric vision of Portuguese voyages in Giovanni Battista Ramusio*



## Um diálogo de fontes sobre a viagem de Fernão de Magalhães: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta

### A dialogue of sources about Ferdinand Magellan's journey: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta

José Manuel Garcia  
(Gabinete de Estudos Olisiponenses  
Câmara Municipal de Lisboa)

Date of receipt: 20/11/2023

Date of acceptance: 28/06/2024

#### *Resumo*

A primeira circum-navegação da Terra dirigida por Fernão de Magalhães teve entre as principais fontes que nos permitem conhecê-la as obras de António Pigafetta e Francisco Albo. Os seus trabalhos são de natureza diferente e complementares merecendo ser devidamente confrontados, tarefa que aqui realizamos.

Com este estudo contribuímos para aprofundar o conhecimento da mais notável viagem marítima da História da Humanidade, a qual permitiu conhecer a Terra tal como ela é.

#### *Palavras-chave*

Fernão de Magalhães; Antonio Pigafetta; Francisco Albo; primeira circum-navegação.

#### *Abstract*

The first circumnavigation of the Earth led by Fernão de Magalhães had among the main sources that allowed us to know it the Works of Antonio Pigafetta and Francisco Albo. Their works are of a different and complementary nature and deserve to be properly compared, a task that we carry out here. With this study contribution we contribute to deepening the knowledge of the most remarkable sea voyage in the History of Humanity, which allowed us to discover the Earth as it is.

#### *Keywords*

Ferdinand Magellan; Antonio Pigafetta; Francisco Albo; First Circumnavigation.

---

1. O Brasil - 2. O Rio da Prata - 3. Para sul do Rio da Prata - 4. O Puerto de San Julián - 5. O Rio de Santa Cruz - 6. O estreito de Magalhães - 7. A travessia do oceano Pacífico - 8. A chegada às Filipinas e o falhanço do objetivo de Magalhães - 9. Sobre a situação das Filipinas e das Molucas - 10. Pigafetta e o êxito de Magalhães: a primeira volta ao mundo - 11. Conclusão - 12. Bibliografia - 13. Curriculum vitae

Fernão de Magalhães ocupa um lugar proeminente na História Universal por ter sido o primeiro homem que revelou experimentalmente a forma da Terra ao ter navegado todos os oceanos, ou, para usar uma metáfora que achamos simbolicamente muito significativa, foi o “primeiro homem a abraçar o mundo” (Garcia, 2019). É por tal motivo que a sua vida merece uma atenção especial com um destaque natural para a mais notável viagem marítima de todos os tempos que realizou e lhe permitiu alcançar tal proeminência. Para podermos conhecer o modo como se realizou essa grande viagem temos de nos basear nas fontes que transmitem a sua história.

As duas obras mais importantes sobre a viagem de Magalhães que chegaram até nós são as escritas por Antonio Pigafetta e Francisco Albo sendo por isso que sobre elas vamos prestar a nossa atenção visando avaliar os seus contributos através do cruzamento de algumas das informações que fornecem.

O trabalho que permite o melhor conhecimento da primeira circum-navegação da Terra é o texto que o referido Antonio Pigafetta escreveu sobre tal assunto, o qual foi concluído em 1524 com base em apontamentos que escreveu entre 1519 e 1522 no decorrer da realização da circum-navegação, memórias que reteve e considerações resultantes das suas fantasias e de leituras que foi fazendo.

A versão italiana da obra que Pigafetta escreveu é conhecida através de uma cópia que foi conservada em Milão num manuscrito sem título da Biblioteca Ambrosiana com a cota L 103 sup. O seu texto foi editado pela primeira vez em 1800 podendo ser denominado de *Relazione del viaggio attorno al mondo* (Pigafetta, 1999). Esta criação, contudo, já havia começado a ser divulgada através de uma tradução francesa de um original italiano a qual contém apenas a adaptação de parte do texto, tendo sido impressa em Paris cerca de 1526 (Pigafetta, 1526?). Esta versão foi por sua vez traduzida para italiano talvez por Giovanni Battista Ramusio tendo sido publicada em 1536 e reeditada na sua recolha *Delle navigationi et viaggi*, estampada pela primeira vez em 1550 (Ramusio, 1979).

Para aprofundar, corrigir, completar e valorizar o conteúdo da obra de Pigafetta é necessário confrontá-la com outras fontes sobre a primeira volta ao mundo, mas a obra com que ela deve ser mais cotejada é a de Francisco Albo. O diário da viagem que foi escrito por este grego encontra-se num manuscrito conservado no Archivo General de Indias em Sevilha com a cota Patronato, 34, R. 5 tendo por título *Derrotero del viaje de Fernando de Magallanes en demanda del Estrecho. Desde el parage del Cabo de San Agustín. Francisco Albo. Año 1519*. O texto desta obra ficou ignorado até ser impresso pela primeira vez em 1837 (*Colección general*, 1920, pp. 229-278).

No diário de Albo são escassas as descrições de acontecimentos da viagem pois a sua quase exclusiva preocupação consistiu em deixar dados náuticos sobre a progressão da armada e a forma com decorreu a sua derrota. Tal realidade contrasta com o testemunho de Pigafetta, que se preocupou sobretudo com a narrativa dos principais episódios da história da viagem.

Os registos facultados por Albo, apesar de sucintos, fornecem informações preciosas para completar e precisar o conteúdo da relação de Pigafetta na medida em que fornecem esclarecimentos relevantes que nesta estão omissos. Trata-se de uma produção muito menos divulgada que a de Pigafetta devido à sua natureza técnica a tornar mais seca a anotação de dados sobre a forma como decorreu aquela navegação, mas que, por isso mesmo, é imprescindível para o seu conhecimento.

Ao procedermos a uma análise contrastada dos testemunhos de Pigafetta e Albo estamos a contribuir para avaliar e situar criticamente aspetos da viagem realizada há quinhentos anos.

Da atenta colação que fazemos dos seus textos resulta um diálogo frutuoso através do qual aferimos referências fundamentais sobre a parte da expedição dirigida por Magalhães até às Filipinas por ser aquela que aqui nos interessa, visto ser a mais original e importante.

De entre fontes complementares que também é necessário considerar na análise dos textos de Albo e Pigafetta salientamos as de natureza cartográfica, de que destacamos dois dos mapas preparados pouco tempo depois da chegada da nau *Victoria* a Sevilha. O primeiro é o planisfério traçado em 1523 por Nuño García de Toreno, com a eventual colaboração de Juan Vespúcio, o qual se encontra na *Biblioteca Reale de Turim*. Trata-se da primeira cópia conhecida do padrão real que então foi atualizado na Casa de la Contratación com os dados obtidos durante a viagem. A toponímia que aqui se encontra é em menor número do que aquela que foi registada no outro mapa que queremos destacar: o planisfério feito em 1525 pelo português Diogo Ribeiro, o qual já trabalhara com Pedro e Jorge Reinel ao serviço de Castela na preparação da cartografia levada em 1519 na expedição de Magalhães (Couto, 2019; Gaspar, 2023). Este planisfério é conhecido pelo nome de Castiglioni e conserva-se na Biblioteca Universitaria Estense de Modena, constituindo a obra cartográfica mais rigorosa que foi feita após a expedição de Magalhães / Elcano. Foi nele que se mostrou pela primeira vez o nome de “*Estrecho de Fernam de Magallaes*”, sendo de notar que nele se usa nome do navegador sob a forma portuguesa (Garcia, 2019, p. 256).

### 1. O Brasil

Na análise comparativa de tópicos sobre a viagem de Magalhães tal como Pigafetta e Albo a abordaram começamos por tratar os que são relativos à passagem da armada pelo Brasil (Garcia, 2021d).

Albo foi muito mais completo ao descrever a navegação então feita pois indicou que os navios quando se aproximaram do cabo de Santo Agostinho estavam a umas 27 léguas (cerca de 160 km) da costa brasileira. De notar que esta distância corresponde àquela que o mesmo autor apontou corretamente quando indicou a largura da foz do Rio da Prata.

Os tripulantes seguiram para sul do cabo de Santo Agostinho afastados do litoral até que dele se acercaram em 8 de dezembro de 1520 quando, segundo Albo, estavam a 19° 59' S. tendo então rumado a sudoeste até que “*vimos tierra playas planas*”.

Esta alusão permite identificar uma primeira, ainda que rápida, escala feita em terras brasileiras numa altura em que os pilotos portugueses da armada sabiam já ter passado os perigosos baixos de Abrolhos situados a cerca de 18° S que entram uns 65 km pelo mar a sudeste de Caravelas.

Aprofundando e esclarecendo a indicação de Albo sobre esta abordagem da costa brasileira, que em geral é esquecida ao tratar-se da viagem de Magalhães, por não ter sido mencionada por Pigafetta, verifica-se que ela foi igualmente referida por tripulantes da nau *Trinidad* a António de Brito em 1522 em Ternate, o qual a registou na carta que em 11 de fevereiro de 1523 enviou ao rei de Portugal ao escrever: “E daqui (das Canárias) se fizeram à vela, e a primeira terra que tomaram foi o cabo dos baixos de *Ambar*” (Garcia, 2007, p. 174). Este topónimo corresponde a uma corrupção de Abrolhos e esse nome da “primeira terra que tomaram” surge em 1519 sob a mesma forma de *cabo dos bayxos de Abreolho* na carta do Brasil do atlas de Lopo Homem (“atlas Miller”), correspondendo à referência de Albo à “*tierra playas planas*”. Esta zona situada por Albo a 19° 59' S foi identificada por Max Justo Guedes como sendo uma região ao sul da baía de Espírito Santo (20° 17' S) entre a ponta de Santa Luzia e a Ponta de Setiba (Guedes, 1975, p. 365).

Este percurso brasileiro da armada foi também indicado na carta que Juan López de Rescalde enviou a Juan Rodriguez da Fonseca, bispo de Burgos, em 12 de maio de 1521, onde se escreveu: “*Y llegados á la costa del Brasil tomaron agua y leña, é dió cargo á Juan Lopez Garaballo, dándole el farol en la nao Concepción para que tirase el camino la costa adelante*” (Medina, 1888, p. 165), visto que este a conhecia desde 1511, quando lá fora pela primeira vez. A comunicação de tal escala foi fornecida



por tripulantes da nau *Santo Antonio* regressados a Sevilha em 6 de maio de 1521, depois de terem abandonado a armada no estreito de Magalhães.

Devemos ainda assinalar que no texto do autor português traduzido para italiano e publicado por Ramusio em 1554 se referiu igualmente, ainda que também de forma vaga, a paragem aqui referenciada ao indicar que da zona do cabo de Santo Agostinho a armada seguiu até uma área localizada a 20° S (Garcia, 2007, p. 192). Com efeito esta latitude aponta para a região de Espírito Santo acima mencionada.

No dia seguinte ao do avistamento de terra, Albo assinalou que na manhã de 9 de dezembro a armada já estava a 21° 31' S, “*en derecho de Santo Tome en un gran monte ay hostios de luengo de costa por la parte del Susudueste*”. Esta referência remete para o *Cabo de san thome*, assim mencionado na carta do atlas de 1519 e que está situado a 22° 03' S. Tal cabo havia sido descoberto em 21 de dezembro de 1501 pela expedição comandada por Gonçalo Coelho e o referido monte corresponde ao Pico do Frade.

Albo mencionou de seguida o cabo Frio (23° 01' S) e o Rio de Janeiro (22° 56' S), que referiu estarem a 23° S, tendo denominado esta última região baía de Santa Luzia, tal como o fez Pigafetta, por lá terem chegado em 13 de dezembro de 1519, o dia desta santa. Desta forma foi ignorado o topónimo português de Rio de Janeiro, já então existente e conhecido, como aliás o revela de forma bem clara o facto de ter sido expressamente mencionado no primeiro planisfério feito em 1523, depois da viagem de Magalhães, que se encontra em Turim. Com efeito nele se registou o topónimo “*rio de yaneiro*” (Magnaghi, 1929, p. 65).

O piloto grego datou a escala aí feita da seguinte forma: “*aquí entramos al mismo día de Santa Lucia i estuvimos hasta el día de San Juan ques a 27 del dicho mes de diziembre*”, repetindo e esclarecendo que dela “*Partimos el mismo día (27)*”, passando de seguida à “*Bahía de Los Reyes*” e dizendo estarem em 31 de dezembro de 1519 a 25° 23' S, o que pela latitude apontada poderá corresponder à região da baía de Paranaguá (cerca de 25° 28' S).

Pigafetta apontou a saída da armada do Rio de Janeiro como tendo ocorrido em 26 de dezembro, o que foi referido de forma indireta ao dizer que “*Stessemo 13 giorni in questa tera*”. Este mesmo dia 26 foi também referenciado por Leon Pancaldo (Garcia, 2007, p. 212), mas consideramos ser menos consistente que o dia 27 de dezembro apontado por Albo tanto mais que foi corroborado por António de Herrera ao indicar ter sido neste dia que “*se hizieron a la vela*” (Herrera, 1601, p. 133).

Perante estes dados talvez se possa sugerir a possibilidade de os navios terem começado a sair da barra do Rio de Janeiro em 26 de dezembro, mas só no dia seguinte terem realmente rumado a sul.

## 2. O Rio da Prata

Depois da armada ter deixado o território brasileiro voltou a navegar afastada da costa tendo sido em 9 de janeiro de 1520 que Albo aludiu a um novo avistamento de terra, a qual em 10 de janeiro foi identificada como sendo o cabo de Santa Maria, atual Punta del Este (34° 59' S). Ficaram então *“en derecho del Cabo de Santa Maria”*. Este cabo foi por ele situado a 35° S, apontando de seguida que *“en derecho del cabo ai una montaña hecha como un sombrero al cual le pusimos nonbre Montevidi”* (Montevideu, 34° 52' S; 56° 10' O).

Magalhães sabia da existência daquele cabo de Santa Maria pois mencionou expressamente a sua localização na lembrança que deixou a Carlos V antes de iniciar a sua viagem, além de que esse cabo também ficou assinalado no planisfério que em 1519 ele mandou fazer a Jorge e Pedro Reinel (Guedes, 1998; Garcia, 2019, pp. 134-139).

Considerando que as informações então existentes sobre o Rio da Prata ainda eram insuficientes, Magalhães mandou que esta região fosse explorada da melhor forma possível para ver se seria possível descobrir por ali a tão desejada passagem que daria acesso ao “mar do Sul” (oceano Pacífico) para assim permitir a navegação até às Molucas. Tal atitude foi expressamente declarada por Albo e Pigafetta, além de outros autores. Essa esperança não se materializou, pois, provou-se estarem apenas perante um rio e não da tão procurada ligação entre dois oceanos.

Albo afirmou que o navio *Santiago* foi mandado *“por ver si avia passage”* tal como aconteceu com duas outras naus que foram enviadas *“a la parte del Sur a ver se avia pasage para pasar”*.

Pigafetta também expressou esta mesma expectativa de encontrar ali uma passagem para o Pacífico quando ao aludir ao cabo de Santa Maria referiu que: *“già se pensava che de qui se pasasse al Mare de Sur”*.

De notar que Pigafetta após ter deixado o Brasil se limitou a indicar que: *“andasemo fin a 34 gradi et uno terso al polo antartico, dove trovassemo in uno fiume de acqua dolce”*, do qual referiu erradamente *“ha larga la boca 17. Legh”*, quando na realidade tem 27 léguas.

Depois de as margens do Rio da Prata terem sido identificadas pelos navios da armada, Albo indicou que abastecidos de:

agua i leña i fuimos de alli boltando de un bordo i otro con vientos contrarios hasta que vinimos en vista de Montevidi i esto fue a dos dias del mes de febrero dia de Nuestra Señora de la Candelaria i a la noche surgimos a 5 leguas del monte i nos quedaba al Sueste 4<sup>a</sup> del Leste i despues a la mañana a 3 del dicho [mês de fevereiro], nos hizimos a la vela la vuelta del Sur.

Por esta indicação verifica-se que Albo datou de 3 de fevereiro de 1520 a partida da margem esquerda do Rio da Prata, ainda que a sua travessia tivesse demorado alguns dias por causa de problemas que então afetaram a nau *Santo Antonio*.

Albo registou que em 7 de fevereiro a armada estava na “*punta de Santanton*” (cabo de Santo António, 36° 18’ S), que situou a 36° S, informando ter sido em 8 de fevereiro que “*hizimos a la vela de la dicha punta (cabo de San Antonio) i esta Norte Sur con Montevidi lexos del 27 leg(uas)*” (cerca de 160 km). Considerando que Montevideu e o cabo de Santo António estão separados por 160 km constatamos que esta medida dada por Albo para a foz do Rio da Prata está correta, enquanto à medida apresentada por Pigafetta faltam 10 léguas (perto de 60 km).

De notar que Pigafetta não apontou nenhuma data para marcar o tempo que durou a exploração do Rio da Prata.

### 3. Para sul do Rio da Prata

Na sequência da frustrada tentativa de encontrar a passagem para o Pacífico no Rio da Prata, Magalhães mostrou a sua imensa coragem e determinação em a querer descobrir em terras incógnitas da América percorrendo para esse efeito “mares nunca de antes navegados” e rumando sempre mais a sul, enfrentando o desconhecido com inúmeros sacrifícios e problemas.

A abordagem da parte descobridora da viagem de Magalhães realizada entre o Rio da Prata e o Puerto de San Julian tem sido uma das mais difíceis de estudar nomeadamente porque Pigafetta foi muito limitado ao falar dela. Por tal motivo verificamos mais uma vez que se ficou a dever a Albo o registo do maior número de indicações sobre a forma como ela decorreu. Para acompanharmos o diário do piloto grego, vale a pena seguir de perto a sua leitura com a observação dos dois

primeiros mapas feitos sobre a viagem que acima referimos nos quais se mostram as terras avistadas por Magalhães.

Nesse sentido começamos por transcrever a toponímia entre o Rio da Prata e o Puerto de San Julian tal como foi assinalada no planisfério de 1523: *cabo de santa polonia; punta de las arenas; los baxos de la victoria; baya de san mathia; cabo de san mathia; punta de lobos marinos; baya de los trabayos; baya de san giulia.*

Vejam agora a toponímia que Diogo Ribeiro colocou entre o Rio da Prata e o Puerto de San Julian no planisfério de 1525: *c. de s. antonio; p. de s. elena; arenas gordas; tierra de los humos; baxos anegados; tierra baxa; barreras blancas; tres puntas; b. sin fondo; arreciffe de los lobos; c. de s. domingo; r. de cananor; tierra de março; c. blanco; y de los patos; r. de juan serrano; b. de los trabajos; tierra de las baxas; sierras hermosas; p. de san juliam*

Voltando ao texto de Albo verificamos que este começou por indicar que ainda no dia 8 de fevereiro de 1520 passaram pelo *cabo de Santa (A)Polonia* (Punta Sur ou Médamos, 36° 53' S), que situou a 37° S, tendo em 9 de fevereiro passado por uma *Punta de las arenas*, que situou a 38° 30' S, a qual corresponde ao cabo Corrientes (38° 07') e foi igualmente apontada no mapa de 1523 como *punta de las arenas*, sendo que Diogo Ribeiro o indicou como *arenas gordas*.

Em 13 de fevereiro, Albo assinalou a passagem por uns "*baxos donde la Vitoria dio muchas culadas*" a 39° 11' S, latitude que corresponde à atual Bahia Blanca. Tal região foi registada no mapa de 1523 como sendo *los baxos de la victoria*, enquanto Diogo Ribeiro a denominou como sendo uns "*baxos anegados*".

Em 24 de fevereiro, Albo identificou a 42° 54' S uma "mui grande" *Baia de San Matia*, a qual mantém o nome de golfo de San Matías (41° 10' S e 42° 05' S).

Em 27 de fevereiro, Albo passou por uma baía que disse estar a 44°, mas à qual não deu nome, deduzindo-se ser a Bahia Camarones (44° 47' S). Aí ele informou terem sido apanhados pelo menos uns oito lobos-marinhos. Trata-se da região que Diogo Ribeiro registou como sendo a de *tres puntas; b. sin fondo; arreciffe de los lobos*. Esta última indicação corresponde à da primeira caçada de lobos marinhos mencionada por Albo, o qual não se referiu a uma segunda e mais ampla caçada de pinguins a que de seguida nos referimos.

Depois da armada ter passado a região denominada de Puerto Deseado 47° 44' S verificamos que o autor português traduzido para italiano e publicado por Ramusio em 1554 se referiu a uma ponta dos Lobos Marinhos que situou a 48° S (Garcia, 2007, p. 192). Esta ponta corresponde à atual Punta Lobos (47° 57' S) e no planisfério de 1523 é referida também como "*punta de lobos marinos*". Diogo Ribeiro

não mencionou este cabo, mas indicou expressamente uma “isla de los patos”, que corresponderá à atual Isla Pinguino (47° 54' S), que fica a nordeste do referido cabo. Essa foi por certo uma das duas ilhas referidas por Pigafetta onde se fez a referida segunda caça de lobos marinhos e pinguins que deu para abastecer a armada de alimentos, como escreveu Pigafetta numa passagem que começa da seguinte forma: *“Po’ seguendo el medesimo camino verso el polo antartico, accosto de terra, venissemo a dare in due isolle pienni di occati e lovi marini. Veramente non se poria narare il gran numero de questi occati: in una ora cargassimo le cinque nave”*.

A ponta dos Lobos Marinhos fica no norte da bahía Spring / Desvelos que fontes antigas e a cartografia da época chamaram “baía de los Trabajos”, devido às dificuldades por que os homens de Magalhães por ali passaram.

#### 4. O Puerto de San Julián

Depois da caçada de pinguins, Pigafetta assinalou que a armada enfrentou uma tempestade sabendo-se que navegou até, segundo este autor: *“qui arivassimo fin a 49 gradi et mezo a l’antartico. Essendo l’inverno, le navi introrosso in uno bon porto per invernarse”* mais informando que *“stessemo in questo porto, el qual chiamassemo Porto de Sancto Iulianno, circa de cinque mesi”*. De notar que esta referência a cerca de cinco meses foi feita apenas por aproximação para indicar a muito demorada internada realizada na região denominada Puerto de San Julián (49° 19' S), a qual foi na realidade de quatro meses e vinte e quatro dias. Albo foi mais rigoroso ao datar esta escala pois escreveu que no Puerto de San Julian a armada entrou no *“posterer dia de Março (31) i allí estuvimos hasta el dia de San Bartolome ques a 24 del mes de Agosto i el dicho puerto esta en 49° 2/3”*.

#### 5. O Rio de Santa Cruz

Pouco depois da saída do Puerto de San Julián, Albo indicou que os tripulantes tiveram de fazer uma nova escala no *“Rio llamado Santa Cruz i ali entramos dentro a los 26 del dicho [mês de agosto] i estuvimos hasta el dia de San Lucas, ques a 18 del mes de Octubre i allí pescanso muchos peces i hizimos agua i leña”*.

Sobre mais esta inesperada escala no rio de Santa Cruz (50° 10' S) Pigafetta referiu-se-lhe de forma muito sumária e sem a datar, pois indicou-a de forma vaga: *“Partendone de qui in 51 grado manco uno terso a l’antartico, trovasemo uno fiome de*

*acqua dolce nel quale le navi quasi se persenno per li venti teribili, ma Dio et li corpi sancti le aiutarono. In questo fiume tardesemo circa dui mesi per fornirne de acqua, legna e pesce”.*

Na sequência das dramáticas e prolongadas pausas que Magalhães teve então de sofrer e na sua ânsia de encontrar a passagem para o oceano Pacífico ele chegou a afirmar estar disposto a ir com toda a sua imensa tenacidade até aos 75° S, pois contra o receio dos seus companheiros estava convicto da sua existência. Quem afirmou claramente esta atitude foi Pigafetta ao declarar que *“se non trovavamo questo stretto, el capitano generale aveva deliberato andare fino a setantacinque gradi al polo antartico”.*

## 6. O estreito de Magalhães

Na descrição da decisiva parte da viagem correspondente à descoberta e passagem do estreito de Magalhães assinalamos apenas que Pigafetta e Albo dataram de 21 de outubro de 1520 a descoberta do então chamado *cabo de las Virgenes*, a atual Punta Dungeness (52° 23' S; 68° 26' O), o qual marca a abertura para esse estreito. Albo localizou-o a: *“52° de Altitud i de Longitud está 52° ½”* tendo-se-lhe referido com o nome de *Estrecho de Todos Santos* em ponto mais avançado do seu diário. Este topónimo está em sintonia com o de Canal de Todos os Santos que Magalhães lhe deu na carta que aí escreveu em 21 de novembro de 1520, a qual foi publicada por João de Barros (Barros, 1563, fl. 150). Quanto a Pigafetta foi o único a escrever que: *“Chiamassemo a questo stretto el Streto Patagonico”* tendo sido desta vez bem assertivo ao afirmar que: *“Mercore a' 28 de novembre 1520 ne disbucasemo da questo strecto ingolfandone nel Mare Pacifico. Stessesmo tre mesi et vinti iorni”.*

Enquanto Pigafetta indicou que a armada saiu do estreito em 28 de novembro de 1520, o autor português traduzido para italiano e publicado por Ramusio em 1554 (Garcia, 2007, p. 193) afirmou que *“desembocámos deste estreito aos 27 de novembro de 1520”*, o que está em conformidade com o registo publicado por Antonio Herrera (Herrera, 1601, p. 303). Leon Pancaldo, por sua vez, referiu que estiveram no estreito *“até 26 dias de novembro”* (Garcia, 2007, p. 214). O dia 28 apontado por Pigafetta talvez corresponda ao do início da viagem para norte.

## 7. A travessia do oceano Pacífico

Ao concluir o registo do reconhecimento do estreito de Magalhães, Albo referiu que *“vimos un cabo con una isla i le pusimos por nombre cabo Feroso y cabo Deseado i esta en altura del mismo cabo de las Virgenes”*, mas desta vez não é muito claro ao apontar o dia da saída do estreito pois limitou-se a referir que: *“del dicho cabo Feroso despues fuimos al Noroeste i al Norte i al NorNordeste i por este camino fuimos dos días y tres noches i a la mañana vimos tierra”*, o que aconteceu em 1 de dezembro a umas 55 léguas de distância do referido cabo quando estavam a 48º S.

Albo limitou-se a confirmar de forma aproximada que a localização da armada no dia 18 de dezembro era de 33º ½ S. Temos assim por bem fundamentado a informação apontada por Herrera que permite deduzir ter Magalhães começado de facto a sua muito ousada travessia do vasto e incógnito oceano Pacífico em mar aberto talvez a norte e ocidente da região de Valparaíso, no Chile.

Enquanto Pigafetta traçou na sua relação o quadro dramático da travessia do Pacífico, marcado pela fome e a doença, Albo apenas interrompeu a apresentação de uma extensa lista de latitudes que marcou a progressão da armada para indicar a chegada a Guam no dia 6 de março de 1520.

#### 8. A chegada às Filipinas e o falhanço do objetivo de Magalhães

Depois de ter aludido à passagem da armada por Guam, Albo escreveu aquela que é a menção da maior importância para a interpretação de um dos pontos mais decisivos da viagem de Magalhães. Referimo-nos à parte do diário onde procedeu à descrição da chegada da armada às Filipinas, arquipélago que Magalhães denominou de São Lázaro. Eis o que Albo escreveu sobre este assunto:

A los 16 del dicho [mês de março] vimos tierra i fuimos a ella al Noroeste i vimos que salia la tierra al Norte i avía en ella muchos baxios i tomamos otro bordo del Sur i fuimos a dar en otra Isla pequeña i allí surgimos i esto fue el mismo día i esta Isla se llama Suluan i la primera se llama Yunagãñ i aqui vimos unas canoas i fuimos a ellas i ellas huyeron i esta Isla esta en 9º 2/3 de la parte del Norte i estan en Longitud de la Línea meridiana 189º hasta estas primeras Islas del Archipiélago de San Laçaro.

Destas observações é necessário enfatizar o apuramento então feito de que a armada ao chegar à ilha de Suluan (125º 58' E) se encontrava 189º a ocidente da linha de demarcação estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas. Da afirmação deste número 189 atribuído ao número de graus escrito com toda a clareza e sem

qualquer dúvida deduz-se a plena consciência de que na ilha de Suluan a armada tinha ultrapassado nesse dia 16 de março em 9° os 180° da metade do mundo que correspondiam ao domínio castelhano.

O mais importante a salientar nesta problemática é a noção de que Albo foi muito mais rigoroso do que Pigafetta no registo das longitudes, cuja determinação era um dos principais objetivos da expedição de Magalhães para poder apurar se a localização das Molucas estava na parte castelhana, como ele defendia, ou não. Tenhamos em conta que Pigafetta escreveu: “per il che lo chiamassemo l'Arcipelago de San Lazaro, descobrendolo nella sua dominica, il quale sta in 10 gradi de latitudine al polo artico et cento e sesantauno di longitudine della linea de la repartitione”. Esta indicação errónea de que as Filipinas ficavam a 161° da linha de demarcação está bastante aquém da realidade embora tenha correspondido à posição oficial defendida pelos castelhanos depois do regresso da nau *Victoria* a Sevilha em 1522

Relativamente à quantificação da extensão do percurso seguido pela armada de Magalhães no oceano Pacífico é de assinalar que Pigafetta escreveu que “*andassemo circa de quatromilia leghe in un golfo per questo Mar Pacifico*”. Este cálculo da navegação realizada como correspondendo a 4000 léguas foi registada de uma forma genérica e arredondada que caiu em excesso pois admitindo que tais léguas se possam fazer corresponder a uns 23 680 km calculámos num mapa atual que entre o estreito de Magalhães e a ilha de Suluan Magalhães terá navegado perto de uns 20 250 km.

### 9. Sobre a situação das Filipinas e das Molucas

Para compreender a forma como em 1521 se relacionava a localização das Filipinas, onde Magalhães esteve, e a das Molucas, onde ele queria ir, é necessário observar que durante a estada da armada na ilha de Cebu se obtiveram informações sobre a situação das Molucas. Este facto foi taxativamente afirmado por Pigafetta ao registar que “Antes de falecer o capitão-mor recebemos ali notícias de Maluco” (*quivi, inanzi che morisse lo capitano generale, havessemo nova de Malucho*). No mesmo sentido desta afirmação vai a que foi expressa por Fernando Oliveira ao escrever sobre a viagem, com base num texto de Gonzalo Gómez de Espinosa, que as duas naus sobreviventes da armada de Magalhães ao deixaram Cebu “se partiram daqui em busca das ilhas de Maluco, as quais já tinham por *nova* que estavam perto dali” (Garcia, 2007, p. 206). Na realidade tais ilhas estavam apenas a



cerca de 10° a sul, isto é, a pouco mais de uns escassos 1400 km de navegação fácil de realizar no tempo em que os sobreviventes da tripulação deixaram Cebu. Estes, contudo, acabariam por a complicar de forma excessiva e estranha, reveladora de uma completa desorientação motivada por explorações obscuras e um aparente receio de ir às Molucas, até que lá chegaram passados mais de seis meses.

É de considerar que a povoação de Cebu, nas Filipinas, se situa a 10° 17' N; 125° 51' E, enquanto a ilha de Ternate, nas Molucas, está a 0° 52' S; 127° 20' E.

#### 10. *Pigafetta e o êxito de Magalhães: a primeira volta ao mundo*

Em consonância com uma observação feita por Ramón Alba (*La primera vuelta*, 2018, p. 258) a uma passagem de Pigafetta entendemos que este autor afirmou ter sido Magalhães o primeiro homem a ter dado uma volta à Terra.

Na interpretação da passagem de Pigafetta aqui considerada admitimos que ela expressa a noção de ter havido em 1521 a consciência de que o grande navegador havia dado uma volta à Terra de forma indireta

As palavras de Pigafetta que merecem a nossa reflexão foram por ele escritas no âmbito da homenagem que prestou ao valor de Magalhães quando o evocou, após a sua morte. Reproduzimos tais palavras na sua versão italiana:

la fama d'uno si generoso capitano non debia essere extinta ne li tempi nostri. Fra le altre virtù, che erano in lui, era lo più costante in una grandissima fortuna, che mai alguno altro fosse: supportava la fame più che tucti li altri e, più iustamente che homo fosse al mondo, carteava e navigava, e, se questo fu il vero, se vede apertamente ninguno altro havere avuto tanto ingenio, ni ardire de saper dare una volta al mondo como ià cazi lui haveva dato.

Ao interpretarmos o significado deste texto não podemos seguir uma perspectiva literal pois, como é óbvio, Magalhães ao chegar às Filipinas em 1521, não tinha já "quase" dado uma volta ao mundo no sentido de a ter feito de forma direta. Pigafetta sabia evidentemente que Magalhães estava então extremamente longe de ter podido dar uma tal volta ao mundo feita de seguida antes de ter morrido nas Filipinas, visto estar praticamente nos antípodas da Europa. É ainda de realçar de forma veemente que Magalhães nunca quis nem podia dar uma tal volta ao mundo, pois se o fizesse estaria em completa desobediência às ordens categóricas e insistentemente repetidas que lhe haviam sido dadas por Carlos V, as

quais não lhe permitiam de forma alguma percorrer a metade oriental do mundo pertencente aos portugueses. Não se pode por isso admitir qualquer possibilidade de que ele pudesse querer desrespeitar determinações tão rígidas como claras do senhor a quem devia obediência de forma a dar uma volta ao mundo que nunca foi a sua intenção.

A hipótese que colocamos para explicar a frase acima citada é a de que, no contexto da vontade de celebração e enaltecimento do nome de Magalhães, Pigafetta estivesse a atribuir-lhe a glória de ser o responsável por se ter dado uma volta ao mundo, já que não a quis atribuir a Elcano, figura cujo nome nem sequer mencionou na sua obra. Pigafetta terá então pensado que, para honrar Magalhães com a atribuição do mérito de ser o responsável por ter dado a primeira volta ao mundo, expressou a conceção de que Magalhães, ao chegar às Filipinas, revelou o “saber” resultante de “quase” ter conseguido dar essa volta ao mundo de forma indireta, visto que já anteriormente havia dado a outra metade de tal volta quando, em 1512, havia chegado com os portugueses às vizinhas Molucas do Sul. Terá sido por isso que Pigafetta afirmou a noção de que Magalhães, ao chegar às Filipinas, já quase havia dado uma volta ao mundo, pois sabia estar próximo das Molucas, onde ele queria chegar e já havia estado, pelo que assim havia completado, na prática, uma tal volta.

Vai justamente no sentido da interpretação que aqui formulamos da frase de Pigafetta aqui em causa uma criteriosa nota de Ramón Alba à tradução espanhola do seu texto, pois afirmou muito corretamente que: *“Magallanes no dio más que mitad de la vuelta al mundo: pero Pigafetta dice com razón que la dio casi entera, porque ya había hecho com anterioridad lo que faltaba de la ruta desde las islas Molucas a Europa por el Cabo de Buena Esperanza”* (La primera vuelta, 2018, p. 258).

A hipótese de Magalhães ter percebido que conseguira dar uma volta ao mundo passa pelo ponto fundamental que consiste no esclarecimento do facto de ele ter sabido aproximadamente quer a localização das Filipinas quer a das Molucas, e de então se ter apercebido que ambos os arquipélagos estavam em longitudes semelhantes, mesmo não tendo chegado a ir às Molucas do Norte. A localização de todas estas ilhas ia sendo registada na cartografia produzida durante a viagem.

Magalhães teve a percepção da localização das Molucas e na realidade seria muito estranho que em Cebu, onde o comércio tinha algum peso, não se soubesse onde estavam situadas as vizinhas ilhas Molucas.

Sabendo-se em Cebu que as Molucas eram o objetivo de Magalhães, e considerando as boas relações estabelecidas entre o rei de Cebu e o capitão-mor,

tem de se admitir que nessa povoação lhe foi comunicada a localização aproximada das Molucas, o que, como vimos, foi confirmado e se demonstra pelo facto do próprio Pigafetta ter registado que, em Cebu, Magalhães já havia recebido notícias, “nova”, de tais ilhas, sendo que a palavra “nova” foi repetida por Fernando Oliveira ao tratar da história da viagem.

Quanto à longitude das Filipinas há a salientar o facto já atrás apontado de que Magalhães a teria de conhecer devido aos cálculos então feitos para a determinação do local onde estavam quando chegaram àquelas ilhas, tendo essa longitude sido registada por Albo no seu diário, que é a principal fonte técnica sobre a viagem e cujos registos de longitudes para outras ilhas do Sudeste Asiático foi feita de forma bastante aproximada da realidade (Laguarda Trias, 1975). Nunca é demais realçar que o apuramento da longitude era uma das principais preocupações da expedição, pois, esta fora realizada na convicção de que seria possível determinar a posição das Molucas na parte castelhana do mundo. Tem toda a verossimilhança a possibilidade de Magalhães tenha ficado frustrado com o erro cometido na avaliação da localização das Molucas, deduzida da sua possível relação com a localização das Filipinas nos 189° apontada por Albo (Thomaz, 2018, p. 92).

Poderá derivar do facto de Magalhães ter assumido o erro em que estava que o levou a ficar uns longos e desnecessários quarenta e três dias nas Filipinas, pelo que ao ponderarmos sobre tal realidade podemos questionar-nos porque é que tal estada foi tão longa após o necessário reabastecimento da armada, tanto mais que as iniciativas aí realizadas nada tinham a ver com a sua missão e estava num território pobre. O seu objetivo prioritário e obrigatório, de acordo com o projeto que apresentara a Carlos V e este o obrigava a cumprir, consistia em ir às Molucas, as quais ele sabia estarem perto, isto é, a apenas 10° das Filipinas, visto saber que as ilhas das especiarias estavam junto ao equador, sendo que uma tão curta viagem feita em latitude seria muito fácil de fazer com um tempo favorável como era o que então havia.

Magalhães vinha a traçar a rota da viagem que estava a percorrer no planisfério feito por Jorge e Pedro Reinel em 1519 (Garcia, 2019, 127-139; Couto, 2019; Gaspar, 2023) revendo-o e atualizando-o à medida que ia progredindo no espaço que estava a descobrir.

Considerando que Pigafetta elogiou a enorme capacidade de Magalhães em “cartear” como ninguém e que ia registando a sua rota no referido planisfério, devemos admitir por certo que ao chegar às Filipinas ele se terá apercebido da dimensão aproximada do globo terrestre e constatado que tinha então dado uma

volta ao mundo. Efetivamente ele tinha-o acabado de percorrer em toda a sua redondeza por via marítima sendo credível que tenha obtido tal noção, mesmo que seja de reconhecer friamente que nem ele nem os seus companheiros de viagem se tivessem preocupado com tal facto, pois a sua preocupação era apenas irem às Molucas. Tal objetivo estava então posto em causa devido à determinação da sua localização por Albo que as havia situado na parte portuguesa.

### 11. Conclusão

Ao terminarmos estas observações sobre alguns pontos de maior realce centrados sobretudo no confronto complementar que fizemos entre os textos de Pigafetta e de Albo verificámos como eles nos permitem conhecer a longa jornada em que Magalhães acabou de percorrer uma vastidão de espaço sem precedentes, o que acabou por lhe permitir navegar todos os oceanos da Terra e consequentemente ter percebido a verdadeira dimensão do nosso planeta (Garcia, 2021).

O que importa realçar é que Magalhães se imortalizou ao ter concluído em 1521 o processo dos Descobrimentos que havia sido iniciado cem anos antes quando o infante D. Henrique os começou a mandar fazer em 1420 (Garcia, 2021c).

### 12. Bibliografia

- Alessandrini, Nunziatella (2019) 'Antonio Pigafetta, cavaleiro do mar oceano. Uma reconstrução biográfica', *Anais de História de Além-Mar*, XX. Lisboa: pp. 61-80.
- Barros, João de (1563) *Terceira decada da Asia de Ioam de Barros: Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente*. Lisboa: João de Barreira.
- Castro, Xavier de (2010) *Le voyage de Magellan: 1519-1522, la relation de Antonio Pigafetta et autres témoignages*. 2<sup>a</sup>. edição. Paris: Éditions Chandeigne.
- Colección general de documentos relativos a las Islas Filipinas existentes en el Archivo de Indias de Sevilla* (1920). tomo III, Barcelona: Compañia General de Tabacos.
- Couto, Dejanirah (2019) 'Les cartographes Reinell et les cartes de l'expédition de Fernand de Magellan', *Anais de História de Além-Mar*, XX. Lisboa: pp. 81-120.

- Fernández de Oviedo, Gonzalo (1557) *Libro XX dela segunda parte dela general historia delas Indias*. Valhadolid: Francisco Fernández de Cordova.
- Garcia, José Manuel (2007) *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*. Lisboa: Editorial Presença.
- Garcia, José Manuel (2019) *Fernão e Magalhães - herói, traidor ou mito: a história do primeiro homem a abraçar o mundo*. Queluz de Baixo: Manuscrito.
- Garcia, José Manuel (2021) 'Fernão de Magalhães o homem que descobriu o mundo tal como ele é', *Revista Mátria XXI, número especial evocativo em memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão*. Herança Cultural e Património, pp. 313-327.
- Garcia, José Manuel (2021a) 'Fernão de Magalhães: o primeiro homem que navegou todos os oceanos', in *Fernão de Magalhães e o conhecimento dos oceanos. XVI Simpósio de História Marítima - 19 a 21 de novembro de 2019*. Lisboa: Academia de Marinha, pp. 433-463.
- (2021b) *Lisboa, o descobrimento do mundo e Fernão de Magalhães*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa; Estrutura de Missão V Centenário Fernão de Magalhães.
- (2021c) '1521 o ano em que o mundo ficou descoberto', *Mátria Digital*, ano IX, n.º IX, dezembro 2021 - outubro 2022, pp. 145-186.
- (2021d) 'A América do Sul na problemática da primeira volta ao mundo de Fernão de Magalhães', in *Anais do Seminário Internacional em comemoração ao 5º centenário da primeira volta ao mundo: a estadia da frota no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, p. 242-281.
- (2022) 'Uma volta ao mundo na "narração" da viagem de Fernão de Magalhães por um português', *LETRÔNICA Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*. Porto Alegre: v. 29, n. 1. pp. 1-10.
- Gaspar, Joaquim Alves e (2023) *A cartografia de Magalhães = The cartography of Magellan*, [S.l.]: Tradisom.
- Guedes, Max Justo (1975) 'A armada de Fernão de Magalhães e o Brasil', in Teixeira da Mota, Francisco (ed.) *A viagem de Fernão de Magalhães e a questão das Molucas*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, pp. 361-377.

- (1998) 'O planisfério de Jorge Reinel (1519) e as ideias geográficas de Fernão de Magalhães', *Mare liberum*, 15, pp. 7-16.
- Herrera y Tordesillas, Antonio de (1601) *Historia general de los hechos de los castellanos en las islas i tierra firme del mar oceano*. Madrid: Implenta Real.
- La primera vuelta al mundo* (2018) 3.<sup>a</sup> edição. Madrid: Polifeno.
- Laborda, Antonio (2017) *Viajar fuera del mapa. El derrotero de Francisco Albo y otros documentos del viaje al Maluco. 1519-1522*. Madrid: La hoja del Monte.
- Laguarda Trias, Rolando A. (1975) 'Las longitudes geográficas de la membranza de Magallanes y del primer viaje de circunnavegación', in Teixeira Da Mota, Francisco (ed.) *A viagem de Fernão de Magalhães e a questão das Molucas*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, pp. 172-173.
- Magnaghi, Alberto (1929) *Il Planisfero del 1523 della Biblioteca del Re in Torino. La prima carta del Mondo costruita dopo il viaggio di Magellano. Unica copia conosciuta di carta generale ad uso dei piloti dell'epoca delle grandi scoperte*. Florença: Otto Lange.
- Medina, José Toribio (1888) *Colección de documentos inéditos para la Historia de Chile*, tomo I. Santiago de Chile: Imprenta Ercilla.
- (1920) *El descubrimiento del océano Pacífico: Vasco Núñez de Balboa, Fernando de Magallanes y sus compañeros*. Santiago de Chile: Imprenta Universitaria.
- Mota, Avelino Teixeira da (2019) *A primeira viagem de circum-navegação: estudo náutico e geográfico, organização de Carlos Manuel Baptista Valentim*. Lisboa: Comissão Cultural de Marinha.
- Pigafetta, Antonio (1526 ?) *Le voyage et navigation faict par les Espaignolz es Isles de Mollucques. Des isles quilz ont trouve audict voyage des Roys dicelles de leur gouvernement & maniere de viure avec plusieurs austres choses*. Paris: Simon de Colines.
- (1999) *Relazione del primo viaggio attorno al mondo*, testo critico e commento a cura di Andrea Canova. Pádua: Antenore.
- (2021) *Relação da primeira viagem em torno do mundo, introdução, tradução e notas de Joana Lima*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Ramusio, Giovanni Battista (1979) *Navigazioni e viaggi*, volume 2, edição de Marica Milanesi. Turim: Giulio Einaudi Editore.

Thomaz, Luís Filipe F. R. (2018) *O drama de Magalhães e a volta ao mundo sem querer; seguido de Um Museu dos Descobrimentos: porque não?* Lisboa: Gradiva.

### 13. *Curriculum vitae*

José Manuel Garcia doutorou-se em História pela Universidade do Porto. Pertenceu à Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Pertence à Academia Portuguesa da História e à Academia de Marinha. É investigador no Gabinete de Estudos Olisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa. Proferiu inúmeras conferências; participou em vários congressos internacionais; organizou exposições e catálogos; publicou numerosos livros e artigos sobre temas de História de Portugal e em particular relativos aos Descobrimentos e a Lisboa.





**Periodico semestrale pubblicato dal CNR**

Iscrizione nel Registro della Stampa del Tribunale di Roma n° 183 del 14/12/2017